

CRISE
GLOBAL

O Brasil é parte do mundo. Tivemos o bônus, agora vamos pagar o ônus por estar no mundo

ANTONIO DELFIM NETTO, ex-ministro da Fazenda

4%
é a previsão
máxima de cres-
cimento para o Bra-
sil em 2009

Patrícia Stavits/Folha Imagem

FOLHA DE S. PAULO



Marcos Lisboa, do Unibanco, o ex-ministro Delfim Netto, o mediador Vinicius Torres Freire, o professor Luiz Gonzaga Belluzzo e Marcos Cintra, da Fundação Getúlio Vargas, no debate da Folha

DEBATE FOLHA

País será contaminado, mas
pode conter desaceleração

Colunistas da Folha afirmam que o impacto depende de sucesso de ações do BC

TONISCIARRETTA
DA REPORTAGEM LOCAL

Entre os vários pontos de conflito, os economistas discutiram como deve ser a presença do Estado na economia, se a crise surgiu — e deve ser controlada — pela falta ou excesso de regulação, e se é hora de o Banco Central parar de subir os juros e o governo cortar gastos. Mediado pelo jornalista Vinicius Torres Freire, também colunista do jornal, participaram do debate o ex-ministro Delfim Netto, o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, ambos “conselheiros informais” do presidente Lula, Marcos Lisboa, diretor-executivo do Unibanco, e Marcos Cintra, vereador paulistano eleito e vice-presidente da Fundação Getúlio Vargas. Confira a seguir trechos do debate.

★

BRASIL NA CRISE

Delfim - O Brasil é parte do mundo. Durante os oito anos do governo FHC, as exportações cresceram 4% ao ano em valor; nos sete anos do Lula, 20%. O Lula não tem nada a ver com isso. O mundo é que mudou. Tivemos o bônus, agora vamos pagar o ônus por estar no mundo. Se tivermos um pouco de inteligência na política e uma razoável ousadia, nosso ônus vai ser pequeno. Temos condições de crescer 3,5% e 4% em 2009.

Lisboa - O Brasil teve duas grandes sortes nessa crise. É o que chamo de vantagem do atraso. A primeira é esse conservadorismo benéfico do nosso BC, em decorrência da crise da saída da inflação. A segunda é que a gente não tem um mercado de financiamento imobiliário muito desenvolvido. É ruim porque menos gente tem casa. Agora, não desenvolveu nenhum desses derivativos.

TRAVA NO CRÉDITO

Delfim - Quanto todo mundo quer liquidez, o sistema fica ilíquido. O BC libera compulsório, o banco compra papel do governo e fica com o recurso. Eu, para ficar líquido, não compro mais a geladeira que ia comprar. A loja que ia me vender a geladeira vende o estoque dela para ficar líquida e não compra da fábrica. A fábrica que não pode vender a geladeira, para ficar líquida, não compra mais os componentes e dispensa alguns empregados. Quando se transfere esse tipo de pânico, estamos produzindo uma retração muito maior do que a necessária.

Lisboa - Uma série de empresas que se financiavam no

O BRASIL FAZ parte do mundo, se beneficiou dessa inserção global, e agora vai pagar um preço, que virá por meio de uma desaceleração no crescimento, especialmente em 2009. A boa notícia é que esse preço poderá ser pequeno, dependendo do sucesso do Banco Central em implementar políticas como a liberação do

exterior agora não têm mais acesso a crédito lá fora. Na hora em que vieram aqui dentro, a demanda cresceu. É uma questão puramente transitória.

Belluzzo - Por que os mercados de crédito estão travados? Porque todas as instituições estão procedendo uma desalavancagem. Se eles estão desalavancando, me parece contraditório processar crédito. Os BCs estão começando a intervir no processo de concessão de crédito. Foi isso o que o BC ameri-

cano fez com a permissão de aquisição de “commercial paper” [títulos de dívida], para permitir que o financiamento de curto prazo se mantenha.

MEDIDAS DO BC

Cintra - A gente pode levar o cavalo à ponte, mas não pode obrigá-lo a beber água. Isso está acontecendo com as medidas que o BC adotou, liberando compulsório. Mas o mercado não parece disposto a fazer fluir o crédito. Chama a aten-

ção pensar o papel dos bancos oficiais neste momento de crise. Eles vêm sendo vetores de irrigação até que os bancos privados percam essa síndrome de não fazer empréstimo.

A avaliação é uma das poucas unanimidades dos colunistas da **Folha**, economistas de diferentes escolas e linhas políticas, exposta em debate anteontem na sede do jornal.

ção pensar o papel dos bancos oficiais neste momento de crise. Eles vêm sendo vetores de irrigação até que os bancos privados percam essa síndrome de não fazer empréstimo.

Delfim - Acho que há uma mania de grandeza do sistema bancário brasileiro. Os banqueiros brasileiros não se conformam com o fato de não fazer restrição de crédito se o mundo inteiro está fazendo isso. O financiamento interno [volta], não tenho dúvida de

que se a gente cooptar o sistema a voltar a uma certa racionalidade, dizer que quanto todos estão líquidos o sistema está ilíquido... Depende de nós.

Belluzzo - Se o governo não tomar medidas para suprir essa contração no crédito, vamos ter uma desaceleração mais forte. E quando o governo tentar agir, vamos estar caminhando para a recessão. O BC já teria condições de suprir essa demanda de crédito em moeda estrangeira.

PRESEÇA DO ESTADO

Cintra - Essa crise caracteriza o fim da era Reagan e Thatcher [presidente dos EUA e premiê britânica nos anos 80], a crença em mercados eficientes, em desregulamentação, redução do tamanho do Estado e impostos. Grande parte dos pacotes adotados nos EUA e na Europa são com recursos do Tesouro, o que deve levar a um aumento do déficit público. Há uma tendência “socializante” de participação do Estado na economia? Não. As intervenções são medidas emergenciais e não tentativa de que o gerenciamento passe a ser público.

REGULAÇÃO

Lisboa - Vai haver sim um movimento regulatório. Em que direção? Como se retira um componente da crise, que foi a assimetria de informação, pois ninguém sabia o que estava acontecendo? O prêmio Nobel dos últimos dez anos tem sido dado aos economistas que estudaram como se constrói instituições adequadas em um mundo que há assimetria de informação, pouca racionalidade, inovação tecnológica e mudanças permanentes. A questão não é mais Estado ou menos. A questão é a boa regulação.

Belluzzo - Nós precisamos da crise para perceber que precisamos regular. Por que não é possível aos homens se anteciparem a crise? Não acho que a regulação seja uma panacéia, nem que se possa contrariar a natureza desse sistema que é a violação da regra. A humanidade precisa trabalhar entre duas polaridades: Estado totalitário e mercado totalitário.

JUROS X GASTOS

Delfim - Não precisa mexer nos juros mais, fica quieto. Reduzir custeio é fundamental. Temos o Estado mais caro do mundo, se você compara a carga tributária com a qualidade de serviços.

Lisboa - A gente pediu uma pizza grande e veio uma média. Ou o Estado poupa um pouco mais, ou o setor privado vai ter que fazer isso.

Cintra - Não se justifica uma tentativa do governo de praticar uma política expansionista, devemos esperar. Não acredito que vamos ter qualquer contração fiscal nesse governo. A Câmara está aprovando um aumento de salários significativo.

Belluzzo - O ambiente de crescimento acelerado não vai ser mais observado. Reduzir o investimento público significa retirar do setor privado a expectativa de que a renda não caia tanto.

ORIGEM DA CRISE POR...

...LUIZ G. BELLUZZO



Luiz Gonzaga Belluzzo

Essa é uma crise provocada por um longo processo de desregulamentação, de supervisão deficiente e de multiplicação de práticas muito arriscadas. Paradoxalmente, muitas dessas práticas nasceram da tentativa de driblar as regras prudenciais da Basileia [regulação dos bancos]. Outra característica é que concentraram as operações num setor determinado. Isso é verdade nos anos 90 e agora. Não há uma alocação razoável e racional, pelo contrário. O que você fez foi espalhar o risco. Há um consenso hoje de que a incúria dos reguladores associado a gravidade associou exacerbou a virulência dessa crise.

...MARCOS LISBOA



Marcos Lisboa, do Unibanco

Crisis fazem parte da economia de mercado. É um mundo meio darwinista e um processo permanente de aperfeiçoamento institucional das regras do jogo, em que a gente aprende com os fracassos do passado. Há muitas surpresas e as teses principais [para explicar a crise] não suportaram os dados. Quem inventou isso foram os próprios bancos. Não é verdade que não sabiam o que estavam comprando. A tese era que a crise vinha da bolha imobiliária, que chegaria ao consumo e aí as pessoas ficariam mais pobres. Não foi assim que houve. O consumo estava em último lugar. O problema foi com os preços dos ativos.

...DELFIN NETTO



Delfim Netto, ex-ministro

O mundo não vai acabar. Esta é 46ª crise identificada e é assim que funciona a economia de mercado. Quando uma crise se instala, você descobre as suas causas, depois há um diálogo entre a teoria e a realidade, você corrige causas. E quando começa a ser resolvida já está nascendo uma outra crise, que vai explodir 12 anos depois. É um mecanismo de aperfeiçoamento da economia, pelo qual em 150 ou 200 anos você trouxe o homem da Idade da Pedra para a da Informática. A crise nos anos 80 foi produzida pelo excesso de regulação. Esta foi produzida pela falta de regulação. Houve violações de toda natureza.

...MARCOS CINTRA



Marcos Cintra, da FGV

O que está havendo é o rompimento da equação que mostra que tem de haver um equilíbrio entre as variáveis reais e financeiras da economia. Está ocorrendo um descasamento entre o valor dos ativos financeiros, que se multiplicaram loucamente. Por que isso aconteceu? Um excesso de liquidez, uma política monetária extremamente generosa, taxas de juros negativas praticamente em todo o mundo, e uma alavancagem financeira gigantesca a partir da criação de uma enorme gama de instrumentos desconhecidos e complexos. E isso tudo contou com as avaliações de risco, que não avaliaram corretamente o risco embutido.